

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU- CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA DO CÉU DE MOURA

A CONDIÇÃO NEGRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

**PATU
2017**

MARIA DO CÉU DE MOURA

A CONDIÇÃO NEGRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN- como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Letras. Sob orientação da Prof^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

PATU
2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M929c Moura, Maria do Céu de

A CONDIÇÃO NEGRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE
CONCEIÇÃO EVARISTO. / Maria do Céu de Moura. -
PATU, 2017.

45p.

Orientador(a): Profa. M^a. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Racismo. 2. Conceição Evaristo. 3. Poesia negro-
brasileira. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MARIA DO CÉU DE MOURA

A CONDIÇÃO NEGRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN- como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Letras. Sob orientação da Prof^aMa. AnnieTarsis Morais Figueiredo.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^o. Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo
Orientadora

Prof^o.Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto
1^o Examinadora

Prof^a. Ma. Kadygyda Lamara de França Leite
2^o Examinadora

PATU
2017

Dedico este trabalho aos meus pais, Sebastião Francelino Sobrinho e Jardelina Clemente pelo o amor, acolhimento, ensinamentos e o incentivo educacional que eles proporcionaram-me. À minha filha Liz Lara B. Moura, meu companheiro Paulo Godeiro e a todos os meus sobrinhos, primos, tios e amigos, sem vocês em minha vida eu não conheceria a palavra FELICIDADE.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu determinação para vencer todos os obstáculos nessa jornada acadêmica, e sabedoria nas horas mais difíceis, quando pensava em desistir.

A minha família que tanto amo.

A todos os professores que me ajudaram a subir cada degrau, até o último, em especial professor Dr. Ananias Silva, que tive o privilégio de ter compartilhado seus ensinamentos nos quatro primeiros períodos consecutivos da academia, entre puxões de orelhas e risos. Suas aulas eram estimulantes e cheias de calor humano.

A professora Ma. Larissa Viana, pela a oportunidade de ter participado das suas aulas de literatura, jamais esquecerei suas primeiras aulas, pura emoção, as horas não passavam, voavam...

A professora Ma. Annie Figueredo, por ter aceitado o convite para ser minha orientadora, e acreditar na realização desta monografia.

A professora de Seminário de Monografia II Ma. Luciana Nery, pela sua colaboração.

A todos da instituição CAP/UERN.

A todos os colegas de sala de sala, em especial o grupo: Márcia Garcia, Maria Luiza, NatháliaNádja, Emanuel Dantas e Leomberg Lucena; foi uma satisfação vivenciar os desafios ao lado de vocês, nosso grupo era só paz e amor. E ainda, Leane Santos e Verônica Braga, pela a amizade e acolhimento.

As professoras Lailsa Ribeiro e KadygydaLamara, por aceitarem compor minha banca de monografia, trazendo suas contribuições para esse trabalho.

*Um dia antes
Um dia avante
A dívida acumula
E fere o tempo tenso
Da paciência gasta
De quem há muito espera.*

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a condição negro-brasileira na poética de Conceição Evaristo, especificamente, tentar compreender de que forma sua produção literária tem contribuído para a evidenciação e desconstrução das práticas racistas existentes no Brasil, bem como mostrar como há intensas marcas coloniais hoje. Para tanto, nossa metodologia consistiu em analisar cinco poemas da poeta, são eles: *Vozes mulheres*; *Para a menina*; *Malungo, brother, irmão*; *Todas as manhãs* e *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, que fazem parte do livro “Poemas da Recordação e outros movimentos” (2008). Sendo assim, a metodologia dessa pesquisa é qualitativa e envolveu análise bibliográfica, tendo como suporte os autores: Bernd (2011), Moscovici (2004), Moisés (2001), Proença (1979) e entre outros. O trabalho está dividido em três partes: no primeiro capítulo, abordamos sobre o percurso do negro na literatura brasileira; no segundo, sobre o problema da representação do negro; no terceiro e último capítulo, analisamos cinco poemas de Conceição Evaristo. Perante os estudos realizados constatamos que os poemas têm como foco relatar e denunciar o tratamento reservado aos negros, principalmente referente as classes mais baixas, tentando, portanto, trazer à tona e compreender os sentimentos de pessoas negras, como por exemplo, de uma mulher negra que escreve para aliviar a rejeição acometida no dia a dia. Sua escrita versa sobre dor, sonhos, saudades, mas também sobre esperança, coragem e força. Conceição Evaristo mostra a inferiorização do negro por meio da literatura, sendo isto uma questão social vista como problema estrutural, dessa maneira, ela motiva reflexões e críticas, sua fonte de combate é escrever para entender o mundo do negro e para encontrar lugares para ele na sociedade.

PALAVRAS- CHAVE: Racismo. Conceição Evaristo. Poesia Negro-brasileira.

ABSTRACT

This work aims to analyze the African-Brazilian condition in Conceição Evaristo's poetics, specifically trying to comprehend how her literary production has contributed to the exposure and deconstruction of racist practices existing in Brazil, as well as showing how there are strong colonial marks today. For such, our methodology consisted of analyzing five poems of the poet, which are: *Vozes mulheres*; *Para a menina*; *Malungo, brother, irmão*; *Todas as manhãs*, and *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, that compose the book "*Poemas da Recordação e outros movimentos*" (2008). This way, our research is qualitative and involved bibliographical analysis, with the support of the authors Bernd (2011), Moscovici (2004), Moisés (2001), Proença (1979), among others. The work is divided in three parts: in the first chapter we address the black evolution in Brazilian literature; in the second, the black representation issue; in the third and last chapter, we analyze Conceição Evaristo's poetry. In the studies conducted we noticed that the poems' focus is to describe and to denounce how black people are treated, specially the lower classes, trying, thus, to expose and comprehend the feelings of black people, such as that of the black woman who writes to relief the rejection suffered in the everyday life. Her writing is about pain, dreams, nostalgia, but also about hope, courage, and strength. Conceição Evaristo shows the prejudice against black people using the literature, this being a social issue seen as a structural problem. This way, she incites reflections and criticisms, and her combat source is writing in order to understand the world of black people and to find places for them in society.

KEY WORDS: Racism. Conceição Evaristo. African-Brazilian Poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1- O PERCURSO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA	12
2 – O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO	23
3 – A CONFIGURAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO LUGAR DO NEGRO NA SOCIEDADE NOS POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO	33
3.1 AS VOZES DAS MULHERES NEGRAS	33
3.2 DESUMANIZAÇÃO/ANIMALIZAÇÃO DO NEGRO	39
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5- REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

A literatura tornou-se um instrumento para desmascaramento social. Pelo fato de focalizar situações restrita como por exemplo, miséria e desigualdade. Ela tem o poder para humanizar, orientar, e libertar vidas, como o texto literário de Conceição Evaristo, que tem em suas origens a marca do preconceito, mas que foi na escrita literária que encontrou uma porta para transformação de sua realidade, a poesia com sua plenitude de saberes possibilitou-a estabelecer uma ponte entre experiências e literatura.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral identificar e a analisar as principais condições do negro-brasileira a partir da escritura poética¹ de Conceição Evaristo como objetivos específicos buscamos: caracterizar os perfis dos negros(as) descritos, traçar um paralelo entre a forma como o negro era mostrado na literatura brasileira durante séculos e a maneira como essa figuração foi se transformando e compreender de que forma a poética da escritora tem contribuído para a desconstrução das práticas racistas existentes.

Pensando nessa contextualização, e nos objetivos propostos, surge os seguintes questionamentos: Que evidências temos quanto a condição do negro-brasileira a partir da poética de Conceição Evaristo na atualidade? De que modo suas produções tem contribuído para a reflexão crítica desse problema, visto que ela também é uma escritora negra? O interesse por esse *corpus* surgiu a partir de um relato informal que ouvi de uma jovem negra, em que a mesma não aceitava sua origem e estava em um confronto com sua identidade. Isso me levou a querer estudar sobre tal temática e descobrir como a literatura pode contribuir para uma mudança na vida das pessoas que pensam do mesmo modo.

Para a abordagem metodológica, utilizaremos uma pesquisa qualitativa e estudo bibliográfico, com ênfase na descrição e a análise do *corpus* que são os seguintes poemas: *Vozes mulheres*, *Para a menina*, *Malungo, brother, irmão*, *Todas as manhãs*, e *A noite não adormece nos olhos das mulheres*. Para fundamentação do trabalho temos como fonte os textos: *Literatura negro-brasileira de Cuti*, *Literatura e*

¹ Utilizamos cinco poemas do seu livro de poesias *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) e, o que tratamos nestes cinco serve para aplicar ao projeto literário-existencial da escritora Conceição Evaristo.

Identidade, de Zilá Bernd, *Representações sociais* de Moscovici, texto teórico da própria Conceição Evaristo, entre outros.

Este trabalho é organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, discutiremos sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, no segundo capítulo abordaremos sobre aspectos da poesia de Conceição Evaristo, e por último a análise dos poemas. Acreditamos, que esta pesquisa possa colaborar com discussões acerca da poesia negra no universo acadêmico, o que entendemos como uma inspiração para o surgimento de novos estudos e ao mesmo tempo uma reflexão sobre o modo pelo qual temos olhado para a literatura em nossa sociedade contemporânea.

1-O PERCURSO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A literatura busca trazer à tona, toda realidade que esteve oculta durante anos e que contribuiu para a desigualdade e discriminação sofrida pelo negro, ao longo de sua trajetória, com um olhar mais aprofundado.

A figura negra é exposta de diversas formas, seja como vítima, bandido ou demônio, com poucos personagens, versos e cenas históricas que demarcam o repertório nacional, nesse patamar é mais encontrado como um assunto do que como uma voz dentro dos textos produzidos. Tendo em vista essas denominações os personagens são caracterizados pela sua descendência, sob olhares racistas, eliminados da sociedade pela sua cor de pele, sendo excluídos e ao mesmo tempo não possuindo nenhuma visibilidade nos meios literários na perspectiva de denúncia, apenas de discriminação.

Considerando essa realidade demonstrada pela literatura, compreende-se que a comunicação e a transmissão dos conteúdos simbólicos, que são um conjunto de normas e princípios definidos ou regras que se espera que o povo cumpra, ou seja, aqueles que trazem uma representação em sua essência, de um processo cultural, mas a transformação desse conteúdo em algo significativo acontece por meio de um sistema de comunicação desenvolvido pelo homem. É por isso que mesmo estando vivendo em uma época que ocorre discussões, debates em torno dos problemas que envolvem a sociedade, temos exemplo de preconceitos nas mais diversas categorias.

A construção da imagem acontece em múltiplas possibilidades e formas de linguagem, o armazenando e circulação de informações estão presentes no cotidiano, contudo é por essa questão que os conteúdos simbólicos tem sido aspecto central na vida social.

Em alguns casos a figura do negro é atribuído a categorias que os descrevem como pertencentes de uma raiz de pessoas sofridas, escravas dos brancos, de cultura própria, omitindo sua capacidade de viver uma vida igual aos demais.

É por esses motivos abordados anteriormente, que muitas vezes permanecem uma visão unificada sobre o negro, por estar ligada a uma raiz histórica. Uma representação ficcional construída ao longo da história e perpassada entre gerações, mas há felizmente muitas mudanças ocorridas, principalmente após lutas por parte dos movimentos em favor do negro. Nessa perspectiva, segundo Moscovici (2004):

Uma vez criadas coletivamente adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Entretanto, adverte Moscovici, quanto menos conscientes somos delas, maior se torna sua influência (MOSCOVICI, 2004, p. 30).

Assim, Moscovici nos mostra, que é a partir dessa circulação que se propagam atitudes negativas ou positivas, e a sociedade cuida em organizar, construir a condição social, cultural e perpassar de geração em geração, e para desconstruir essa formação leva-se anos de lutas, e quanto mais tempo se passa, mais difícil se torna de modificar esse contexto, pois como se trata de uma realidade histórico, o sujeito expectador mantém esse ensinamento adquirido.

Na literatura brasileira a trajetória do negro é marcada por muitos fatos marcantes, desde o processo de escravidão na primeira metade do século XVI até os dias de hoje, em que nas mídias vemos pessoas sendo vítimas de preconceitos racistas. E todos estes problemas constituem a história de uma desigualdade, iniciada na época da colonização e que ainda luta até os dias de hoje por mudanças, um país com mais igualdade.

Desse modo, ao trazermos para discussão tal situação, pensamos logo nas condições de sobrevivência oferecida ao povo negro-brasileiro, que lutou e continua buscando ser liberto do preconceito e da designação de marginalizado.

As descrições feitas por escritores romancistas como Machado de Assis e poetas como Castro Alves, surgiram de mecanismos para expor e ao mesmo tempo denunciar as injustiças predominantes. É através da literatura que temos a oportunidade de entender a realidade vivida, que até então foi ocultada muitas vezes, por medo de falar sobre aquilo que a maioria não dava importância e nem procurava mudar; vejamos abaixo:

A literatura atua em determinados momentos históricos no sentido da união da comunidade em torno de seus mitos fundadores, de seu imaginário ou de sua ideologia, tendendo a uma homogeneização discursiva, à fabricação de uma palavra exclusiva, ou seja, aquela que pratica uma ocultação sistemática do outro. No caso da literatura Brasileira este outro é o negro cuja representação é frequentemente ocultada, ou o índio cuja representação é, via de regra, inventada (BERND, 2011, p. 33).

Como elucidado acima, a construção da imagem do negro na sociedade continua sendo motivo de discussões e reflexões, pois muitos paradigmas ainda não

foram quebrados, ainda existe situações sociais em que predomina-se a discriminação e incentiva-se a desvalorização desse povo, trazendo a representação do negro com uma imagem negativa, desprovida de conhecimento e inferior.

Em pleno século XXI, temos como exemplo de luta e persistência a escritora Conceição Evaristo uma poeta, contista, romancista, que passou muitos anos de sua vida vivendo preconceitos e que através de seus textos contribuiu para a expansão da literatura afro-brasileira. Sua obra examina temas complicados, tais como a vida nas favelas, o preconceito e a exclusão social.

Em alguns contextos, são vistos como indivíduos que exercem atividades menos favoráveis aos brancos, especificamente por ter uma cor de pele diferente. São esses fatores que necessitam serem analisados e abordados principalmente na produção literária.

Durante muito tempo, não tivemos uma representação, mas uma ausência, mesmo conhecendo a importância desse povo para o crescimento econômico da época, não se pensava na sua utilidade, nem muito menos reconheciam seu potencial.

No Quinhentismo, o período que ficou conhecido como inicial da literatura brasileira, em que os temas mais abordados são sobre a respectiva descoberta do Brasil, as navegações, as descrições do processo de catequização dos padres Jesuítas, o negro aparece como um indivíduo sem cultura e sem bons modos, mantendo oculto a verdadeira condição dada a tais pessoas.

Quando o negro vem aparecer é no Barroco e ainda surge de modo crítico, com uma visão de caricatura, levando os leitores a fixação da imagem de um ser sem importância, incapaz de servir para alguma coisa além das atividades cotidianas prestadas aos seus senhores, que não os tratavam com o mínimo de respeito, por exemplo, na poesia de Gregório de Matos e em textos escritos pelo Padre Vieira.

Em que descreviam com um objetivo de caracterizar de modo cômico e racista, tornado explícito os insultos, e a posição inferior à dos patrões. Em vários textos, foram produzidos com um tom de desprezo e repúdio. Há por exemplo, no poema *passar pela ilha de Cajaíba* de Gregório Matos, a descrição da mulher mulata e que esta acaba por tentá-lo, ou seja, deixando aparecer como um objeto sexual, que é apenas usada para satisfazer os desejos de seus senhores.

Nesse percurso, no século XVIII, autores que são de origem negra começam a participar de momentos poéticos, como Domingos Caldas Barbosa, Silva Alvarenga

escritores da poesia árcade e Cruz e Souza do Simbolismo, que com sua obra alcançou o reconhecimento. Bernd (2011), explicita que Cruz e Souza é:

Um negro retinto, filho de escrava, ser reconhecido pela instituição literária brasileira como seu maior poeta simbolista, equiparável aos maiores poetas franceses como Verlaine e Baudelaire, comprova a vocação brasileira de constituir uma grande democracia racial. Esta afirmação até poderia ser verdadeira se não fosse o fato de Cruz e Souza ter sempre recebido o tratamento de excepcionalidade. A exceção que confirma a regra da ocultação do negro da historiografia literária brasileira (BERND, 2011, p. 103).

Com essas informações sobre o poeta, fica mais explícito seu posicionamento, Cruz e Sousa fez luta contra a escravatura e em seus textos o foco estava na construção de uma identidade nacional, com desejos nacionalistas de liberdade, surgindo o índio como um herói, mas é apenas no final dessa fase indianista dentro do movimento romântico que surge o negro em contracena com o índio.

Segundo Bernd (2011, p. 69) “no século XVIII, vive-se o período de supremacia total e absoluta da razão, tendo sido esta época chamada de século das Luzes ou Iluminismo, pois associava-se a racionalidade com a clarividência e com a luminosidade”. Conforme mostrado nessa citação, entendemos que essa nova época foi um momento de esclarecimento, de um olhar, uma descrição mais visível da realidade.

Enquanto havia uma visão para o índio de um ser forte, ligado a natureza, o negro é mostrado como um povo marginalizado, sem bons modos. Quando se pensa nos relatos sobre escravidão tanto em romances como em poemas, destaca-se Castro Alves, com a obra *O Navio Negreiro*, obra está que demarca com detalhes as mazelas presentes no tráfico africano. Conforme Proença:

Estamos diante de uma poesia que não foge à tônica do seu tempo, necessário dizê-lo. Apesar do seu empenho consciente e do seu entusiasmo, o poeta não consegue livrar-se, nos seus textos, das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista. O que move a sua indignação é, sobretudo, o sofrimento do negro, que ele vê como ser humano, e mais a necessidade de a nação livrar-se da mancha da escravidão (PROENÇA, 1979, p. 4).

O autor supracitado, nos mostra que o desejo maior nessa escrita é expor o sofrimento e ao mesmo tempo se colocar no lugar do outro, com um olhar solidário e

humano, sem preconceitos e que buscasse refletir sobre uma situação que era ignorada, deixada de lado por todas, mas que precisaria ser mostrado, independente se fizessem ou não alguma coisa para mudar essa condição imposta, sem regras, sem piedade, sem justiça, totalmente autoritarista por parte dos dominantes.

Mas foi com o aparecimento do movimento abolicionista que surgia a primeira heroína escrava, *A escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães. Há entretanto, uma contradição quando a personagem é apresentada com características de branca, o que comprova a dificuldade desses escritores em mostrar uma imagem heroína para os personagens negros e o racismo se encontra mesmo quando a maioria absoluta de escravizados era de negros, demonstra o quanto era forte a discriminação pela cor da pele.

Mas é no Naturalismo/Realismo, que a crítica a sociedade brasileira no que se refere as ideologias preconceituosas é descrita com um olhar de denúncia. O Naturalismo surgiu na França durante o século XIX e, assim como outras escolas literárias, acabou submergindo e evidenciando muito de sua época. Entre essas absorções e evidências, as obras passam a desenhar o homem que não mais seria visto como um ser perfeito e romantizado, mas, acima de tudo, como o real ser humano, visto de uma forma científica.

Os autores dessa estética criavam seus romances de forma, que ao serem lidos, alguns acontecimentos fossem totalmente previsíveis, ou seja, o leitor, raramente é surpreendido, pois:

Alguns ingredientes se ajustam como peças de um quebra-cabeça, sem dar margem a surpresas ou sobressaltos [...]. O romancista divisa-a como palco onde tudo se pode conhecer graças aos princípios científicos, subordinados ao apelo da Razão (MOISÉS, 2001, p. 25).

Tomamos como exemplo dessa situação em que o romancista realiza ajuste no modo de escrever, ou seja, dá início a um ajuste no quebra-cabeça o escritor Machado de Assis, que abordou sobre a escravidão de forma implícita e realista, destacou-se pela ousadia em tratar da real situação vivenciada pelos negros, trouxe à tona os problemas vivenciados por eles:

[...] Machado de Assis tem merecido considerações especiais. Há quem defenda que o fato de um mulato ter-se tornado um dos maiores, senão o maior dos escritores brasileiros, é altamente significativo para a causa da afirmação da etnia, embora não se encontre em sua obra

ficcional uma assunção ideológica nesse sentido. Outros criticam a ausência em seus textos de problemática ou temática negra positivamente dimensionada e vergastam o seu *branqueamento*, numa atitude tão racista quanto a que discrimina os negros.

Em suas obras, Machado de Assis usava uma linguagem muito rebuscada, o que acabava por dificultar o entendimento do leitor, da sociedade em que fazia parte, da classe dominante, a burguesia, mas que ao compreender encontraria a presença da crítica sarcástica, muitos afirmam que seus primeiros escritos não tratavam sobre isso, mas sabemos que nas entrelinhas Machado de Assis podia ter sido aceito, apesar de somente quando alcançou um patamar melhor, que passou a escrever realmente o que pensava.

Alcançou posição de escritor renomado, descrevia sobre o tratamento dos negros recebido pelos seus senhores, que não poupavam sua rigidez em maltratar seus servos, fazendo-os reféns de uma sociedade patriarca, dominada por aqueles que possuíam dinheiro. Sem leis, nem regras, faziam do que bem queriam no dia a dia do trabalho, foram anos de sofrimentos silenciados. Até que pusesse no papel a realidade tal como era.

Ainda nesse longo percurso, durante esse estudo do contexto, escolhemos por destacar como um dos grandes representantes, pois foram silenciados ao longo da história, além de Machado de Assis, o escritor Lima Barreto, um pré-modernista e mulato que descrevia em seus textos o subúrbio da cidade, em sua obra póstuma temos o *Diário Íntimo*, um plano de um romance que aborda sobre afrocentricidade. Trouxe em seus textos o negro como centro, exemplo disto temos *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909), Conforme Bernd (2011):

O autor de *Recordações do escrivo Isaias Caminha* apresenta, contudo, algo de novo na medida em que, contrariamente a seus contemporâneos, não se deixa seduzir pela magia da ciência, mas a vê como fonte de preconceitos. Não somente ele não adere à moda que assimila cegamente o modelo europeu da teoria das raças, como o condena e rejeita. Foi, sem dúvida o primeiro a compreender que as razões pelas quais acusavam-se negros e mulatos não eram devidas às suas características individuais, mas essencialmente às condições sociais desfavoráveis em que viviam em sua maioria os membros das comunidades negras (BERND, 2011, p. 138).

Compreendemos que Lima Barreto, tinha uma visão diferente quanto ao modo de expressar diante da representação do negro, como mostrou o texto acima, isso acontecia porque ele queria esclarecer que o ponto principal para trazer nos textos

essa descrição do racismo sofrido, era pelo fato das condições em que essa sujeitos esses povos e não só pelo fato de rejeitá-los pela raça pertencente. Como a autora Bernd diz: “A ingenuidade do personagem Isaias Caminha, que acreditava que com um diploma poderia apagar “o pecado original de sua origem modesta” (BERND, 2011, p. 139). Pelo que percebemos o escritor criou um personagem que tinha uma representatividade do modelo social que havia na época, pessoas capazes de comprar um diploma, apenas para poder exercer uma função melhor e obter o respeito diante dos demais.

Esse personagem de Lima Barreto conheceu o estereótipo determinado pela época que era o distanciamento do negro na sociedade, ou seja, inferior aos brancos e que o racismo se fazia presente. Vejamos um trecho:

Verifiquei, que até o curso secundário as minhas manifestações, quaisquer, de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com aplausos ou aprovação ao menos como coisa justa e do meu direito; e que daí por diante, desde que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de ideias e crenças que me alentaram na adolescência e puerícia. Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa (BARRETO, 1978, p. 17).

Lima Barreto descreveu o personagem protagonista da obra como um homem sem estilo de vida, sem cuidados com a saúde e higiene, que andava com os pés descalços e possuía uma pequena plantação, não possuía estudo e era visto como um alcoólatra e preguiçoso.

Com esse texto, temos uma representação do descuido do governo com a população, tratando através do texto de demonstrar a insatisfação com a realidade da época e que ainda se mantêm na nossa atualidade. Pois, embora tenha se passado por inúmeras mudanças, e tantos anos lutando por um reconhecimento, temos muitos valores que ainda são desprezados, isto porque foram instituídos desde épocas passadas e com a literatura não havia um padrão de indivíduo para ser descrito, era o momento de falar sobre o que procuravam não lembrar que existiam.

Embora tivesse começando a ser exposta essa realidade, havia escritores produzindo textos com característica racistas, como Monteiro Lobato em *Urupês*, em que o protagonista é descrito de um modo desfigurado.

Aos poucos, durante o período Pré-modernista, os escritores começaram a cultivar uma visão mais voltada para as regiões interiores. Com um tom ainda mesclado ao caráter do Realismo, que ainda era muito presente no país por volta das primeiras décadas do século das guerras, a literatura começava a notar a realidade dos interiores.

O Modernismo brasileiro trouxe com grande ênfase uma identidade nacional bastante marcada pela exposição do lado “marginal” do país. Era no início do século XX e, até então, o Brasil só conhecia um vasto campo literário voltado para o espaço carioca e as problemáticas da vida burguesa.

Ao chegar na fase modernista, temos Mário de Andrade com a obra *Macunaíma* (1928). Segundo Bernd (2011, p. 62), “Mário de Andrade integra pela primeira vez o mito indígena aos mitos africanos para explicar a formação do brasileiro”. Nesse sentido, um herói índio/negro e no deslocamento da selva para São Paulo se torna branco. Ele introduz na literatura um novo perfil de personagem, atribuindo papel de protagonista, a figuras que até então não havia aparecido no texto literário.

Ainda, segundo essa mesma autora: “Macunaíma se põe assim como contradição inaugurando caminhos que subvertem os rituais discursivos até então praticados pelos escritores e eu intentaram fixar as diferentes fases da edificação da consciência nacional” (BERND, 2011, p.63). A personagem criada por Mário de Andrade apresentava uma caracterização não feita antes, principalmente por se tratar de um herói que não faz nada para que mereça ser, ou seja, uma crítica ao nosso país, tratando assim, de um povo preguiçoso.

Para melhor entender sobre a presença do racial em *Macunaíma* basta analisarmos o seguinte fragmento do livro:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma (ANDRADE, 1990, p.9).

Essa passagem nos mostra a ideia de selvagem, em que tudo está na maneira de transformar as coisas, que a criança já nasceu “feia”, é, portanto, uma tentativa de

construção do retrato do povo brasileiro que já nasce sem cultura, sem seus direitos de ser o que quisesse.

Dentro desses estereótipos abordados, aparece um resgate da figura do negro na obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, pensando em caracterizar o brasileiro a partir do processo de formação do país. Segundo Bernd (2011, p.81): “não é por acaso que a publicação [...] coincide com o período da abertura política: a proposta de releitura da história brasileira que a obra encerra só poderia ser encenada em uma atmosfera livre de quaisquer cerceamentos”.

Partindo para outro lado, há em Jorge de Lima, por exemplo, uma exaltação ao negro. Em seus textos manifestou a consciência da discriminação racial. Ele excede o registro pitoresco e folclórico, assimila o cerne da cultura afro-nordestina e evidencia que o impedimento racial é nada diante da extensão da poesia. Vejamos abaixo:

Na tentativa de dar voz aos negros, Jorge de Lima é outro escritor que termina por falar *sobre* os negros. Há nos seus versos, é verdade, a tentativa de exaltação mitificadora da Serra da Barriga, no poema do mesmo nome, da contribuição africana às comidas da Bahia (“Comidas”), da beleza sedutora da mulher negra, mesmo na condição de escrava, mas, no caso, associada à imagem de ladra e destruidora de lares, por força de sua sensualidade e de seu erotismo (Lima *apud* Proença, 1979, p. 11).

Perante a questão, das diferenças culturais, e da necessidade de uma identidade nacional própria é que surge na literatura uma movimentação, deslocamentos de pensamentos. Como explica Bernd (2011, p. 135): “em fins do século XIX, inícios do século XX, a intelectualidade brasileira vive um clima de euforia pela adesão a teorias científicas, em grande circulação na Europa, quase todas elas fundadas no princípio da desigualdade entre raças”. Percebemos com essa fala, que foi um momento de mudanças de estudos científicos, que tinham como fundamentos a prevalência de desconsideração ao negro.

Além do mais, na obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo (1893- 1945) temos trechos que revelam a posição dividida do autor, em acreditar na identidade do eu-lírico e do poeta (PROENÇA, 1979).

É somente no final do século XX e início do XXI, que a situação do negro melhora, tempo marcado por um olhar refletivo sobre o cânone nacional brasileiro do Em que escritores de origem afrodescendente considerados a margem e desprezados pela elite dominante, passam a ter suas obras estudadas e analisadas com o objetivo

de resolver essa problemática de séculos, como a escritora Conceição Evaristo, escritora que iremos analisar no capítulo três desse trabalho.

Domínio Proença Filho, em seu texto: “A trajetória do negro na literatura brasileira”, nos fala sobre a representação desse povo na produção literária nacional, desde sua fase inicial em que é marcada por duas circunstâncias significativas: a condição do negro visto como um objeto, sob um olhar distanciado e o outro como um sujeito, é realizada uma identificação na literatura dos inúmeros estereótipos existentes quanto a predominância do preconceito seja explícita ou implicitamente.

Segundo Proença (1979, p. 01): “a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”. Distintas concepções sociais e culturais instituíram agrupamentos de valores éticos, como os citados acima, eram padrões de conduta, de relações interpessoais, de procedimentos sociais que visavam à garantia da segurança física.

Nesta perspectiva, entendemos que entre os séculos XVIII evidentemente marcados pelo espírito de domínio e com propostas de preceitos e valores morais punitivos diante do século XX existiam padrões objetivos, que passaram por mudanças e a partir destes acontecimentos, a nova relação entre branco e negro é alterada.

Além de passar por uma profunda modificação nos modos de vida em consequência de uma inovação lógica econômica, política e cultural, mesmo aquelas parcelas ou grupos nativos que se enquadram numa nova ordem se viram em uma situação bem diferente daquela anterior ao final do século XVIII.

Por esta afirmação, entendemos que existe uma coerção social que desenha um perfil de personalidade e comportamento, porém isso tem mudado, porque a própria sociedade tem mudado também. Os sucessos têm visado à reparação, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros.

Tomamos como exemplo dessa mudança, a poetisa Conceição Evaristo, de origem pobre, pertencente a uma família composta por mulheres negras, que foram empregadas, faxineiras e cozinheiras. Em suas poesias faz descrições sobre a realidade da mulher negra perante a sociedade, mantendo sempre a crítica social, a religiosidade, e sua ancestralidade. Visando trazer para a literatura um novo olhar diante das condições estabelecidas a séculos atrás e as devidas recorrências na atualidade. Nosso objeto de estudo são cinco poemas que abordam sobre a imagem

construída sobre as mulheres, mas especificamente as pertencentes a sua família, entre outros milhares que são representadas através destas.

2 – O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO

Nosso país é formado por muitas culturas, e marcado por uma história sofrida. Principalmente quando pensamos nos negros, em que durante muito tempo foram vítimas da classe dominante. Teve seus valores negados e foram obrigados a servir seus senhores sem receber nada em troca. São essas e outras razões que nos levam a pensar em que tipo de representação temos tido do negro na nossa literatura. Dentro de um percurso cheio de problemas e conflitos.

É partindo desse pressuposto que a produção literária agiu para denunciar e contribuiu para exposição desses estereótipos estabelecidos. Autores como Machado de Assis, Castro Alves, Lima Barreto, e a contemporânea Conceição Evaristo foram figuras que ultrapassaram o preconceito e usaram das palavras como suporte para essa luta. Já a escritora contemporânea Conceição Evaristo, além de enfrentar o preconceito por ser uma mulher escrevendo, teve sua vida marcada por questões que a indignou e contribuiu para haver exclusão. Por ser de origem pobre, vinda de favelas e negra, passou por um processo doloroso até alcançar seu reconhecimento no meio literário.

Mediante essas questões, os escritores permaneceram a mercê do padrão de escrita da metrópole durante os quatro primeiros séculos. [...] O século XIX, é um período marcado pela nacionalidade brasileira, com a independência, é nesse momento que a crítica literária não podia ficar à margem da sociedade sem escrever sobre o que estava acontecendo, e sobre os que faziam parte desse meio, mas que não olhavam para o outro (CUTI, 2010).

Mesmo sendo um momento de produção literária, os negros são tratados por um viés de preconceito, por exemplo, os descendentes de escravizados: “atuará no sentido de caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade” (CUTI, 2010, p. 16). Desse modo, não há ainda uma preocupação em agregar valores a esse povo, mas continua e excluí-los cada vez mais, dando uma contribuição negativa para a construção dessa imagem, que infelizmente teve seu início já em séculos passados. Essa preocupação abordada por Cuti, está impregnada na poesia de Conceição Evaristo, isso percebemos pela sua preocupação em mostrar as diversas facetas que há entre o real e o ficcional. Entre o passado e o presente. Assim, para ela sua experiência serve de voz, para expor.

Exorcizar o passado, arrumar o presente e prever a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias (...) Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exatos (EVARISTO, 2005, p. 203).

Perante essa colocação de Evaristo, podemos questionar: que imagens temos desenvolvido de nossas mulheres negras? Das que vivem na favela? E onde estão as mulheres negras de hoje? Não houve uma mudança nesse perfil criado, ou será que permaneceu ainda a rejeição firmado em épocas passadas? Todos esses questionamentos que nos surge, podemos relacionar ao dialogo abordado nos poemas em que a autora tenta retratar e ao mesmo tempo entender quais são as personalidades criadas sobre as mulheres de descendência africana atualmente. Esse silêncio perante o domínio do branco, suas práticas discriminatórias e de rejeição determinadas por um conjunto cultural, e cada palavra negativa, constatava o posicionamento unificado, incidindo sobre o negro a carga de recusa a uma identidade brasileira.

Para Cuti (2010), o preconceito está enraizado nos próprios negros. No ato da escrita o escritor já realiza uma manipulação sobre os conceitos que permeiam sua visão e de que modo pretende levar seus leitores a acreditarem e se colocarem perante essa visão. Nessa perspectiva, até aqueles escritores que eram negros, não utilizavam um discurso voltado para a sua insatisfação, pelo contrário, usavam personagens brancos, deixando oculto sua verdadeira identidade.

Nesse contexto abordado até aqui, vemos que as tentativas de sensibilizar os leitores ainda não havia se firmado com tanta ênfase, pelo contrário, o desejo da produção era manter a população alienada e sem novos olhares ou perspectivas, a não ser que tenha sido produzida por vítimas desse problema social, como o exemplo de Conceição Evaristo, que através de suas poesias expressou sua crítica, isto porque ela mesmo já foi vítima desse preconceito, ela encontrou um modo de empenhar-se em seus textos para expor o que não concordava e ajudar a romper com essas ideologias fixas, ou seja, “é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhe as contradições e as consequências” (CUTI, 2010, p.25). Esse motivo abordado é o que torna a essência do texto uma reflexão.

Foi justamente essa realidade vivenciada que fez a escritora ter autonomia e ousadia, todos momentos de insegurança social em virtude de sua origem, a fez trazer para o papel uma crítica que favorecia essa parcela da população, sem medo de falar, e das consequências que podia sofrer, fala principalmente da figura feminina e sua posição, das lutas e sofrimentos.

Uma das formas de promover a ruptura de pensamentos como esses citados, pode acontecer da seguinte maneira: “as rupturas desse círculo tem sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações sociais no Brasil” (CUTI, 2010, p. 25). Compreendemos com o autor citado, que os paradigmas têm sido quebrados pelas próprias pessoas que vivenciaram as experiências negativas, os momentos em que não puderam tomar uma atitude de defesa ficaram guardados, e na escrita descreveram, para que assim como eles, outros indivíduos desenvolvam a coragem de falar, debater, negar ou aceitar as condições que lhe são impostas.

Foi no século XX, que houve uma ligação entre associações negras de várias localidades do Brasil com o objetivo de incluir o protesto no texto, e ao mesmo tempo conscientizar a todos. Quando se tem dado os passos para uma mudança na escrita, temos que lidar com a seguinte situação:

A ênfase que se dá à africanidade é animada pelas teorias racistas do período [...] o extermínio da população negra no país é tido como natural pelo processo de miscigenação e da miserabilidade. A população negra passa a ser vista com um doente no leito de morte (CUTI, 2010, p. 34).

Cuti (2010), nos faz refletir sobre as atribuições dadas a população negra naquele século, e que é sob uma visão racista, desumana. É tanto que era considerado algo natural a eliminação, devido ao tamanho da miséria. Um outro fator importante a ser discutido é que através dessa constituição histórica a censura aos negros, ainda se desenvolve na atualidade, mas de uma forma mais camuflada, por exemplo, o folclore e a tradição negro-africana, essa opressão continua devido a ideologia racista propriamente, atravessa o tempo, foi esta que impôs o silenciamento da violência contra o negro no passado, com justificativas fúteis, em que queriam apenas manter a organização da nação.

No que se refere à representação literária da mulher negra, sabemos que a imagem construída nos textos apresentava papéis desagradáveis como aquelas que

serviam apenas para ser escrava, realizar atividades domésticas e ainda ser objeto sexual de seus coronéis. A literatura procura ocultar a existência desse sujeito como alguém que possuiu direitos e liberdade sobre si própria.

Nessa situação, retomamos novamente a poética de Conceição Evaristo, que transformou sua realidade a partir dos poemas publicados, neles estão contidos todo sentimento de indignação e revolta, além de tudo é ressaltada bastante a figura negra feminina. Desse modo, a produção e publicação desses textos tornam-se um ato de resistência. Tal pensamento foi afirmado pela própria autora.

As escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma auto-representação. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade brasileira teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 205).

Como citado, há uma representante feminina, isso estará presente nos poemas que serão analisados, relacionadas ao corpo das mulheres, que até então, evidencia a sensualidade, que em muitas épocas foi descrita por homens e sob essa perspectiva de objeto sexual, diferente disso, Evaristo enquanto mulher, procura realizar uma descrição das mazelas e condições desvalorizantes sofridas por exemplo, por mulheres de sua própria família. Infelizmente é uma realidade triste, mas que precisa sempre ser retomada, para que assim, possamos refletir na condição estabelecida as mesmas.

Assim, a literatura dessas mulheres, como Conceição Evaristo, já citada anteriormente, nos remete a pensar em questões de resistência, de uma identidade que necessitava ser lutada para obter, e se libertar das “prisões” de seu passado. Como afirma Cuti (2010):

Há, portanto, autores que afirmam sua identidade negro-brasileira, enfrentando as zonas de conflito em franca desobediência à ideologia do silêncio. Por outro lado, há aqueles que sussurram uma identidade dentro dos limites estabelecidos pela ideologia dominante, e aqueles autores completamente desidentificados (CUTI, 2010, p.61).

O autor supracitado, mostra como acontece o processo de libertação na escrita, isso significa que há um debate entre o autor e o texto, naquilo que ele tenta alcançar como liberdade de expressão. Sua obra demonstra a luta exercida contra seu meio externo e ao mesmo tempo já travada há muito tempo no seu interno.

Mas, sabemos que mesmo sendo tratado sobre fatos e situações de uma determinada categoria, ou seja, uma população descendente de escravos, o público leitor é o homem branco, assim, cabe ao escritor o papel de não ferir a expectativa literária e assim não comprometer a expansão do seu trabalho.

As concepções estéticas estão sempre em confronto com a determinação social designada pelos dominantes. É por esse motivo, que muitos procuram manter-se dentro do limite estabelecido, falta-lhe coragem e ousadia para extrapolar a própria preservação antiga.

Nesse ponto, também é necessário destacar, que os autores que desobedecem estão fundamentados numa postura de busca pelo reconhecimento da própria identidade, são aqueles que ao escreverem mantem seu desejo de expressão e inconformismo pela realidade. Enquanto outros desistem dessa valorização e mantem-se apagado diante dessa exclusão.

Consoante com essas discussões, a perspectiva de escrita feminina trazida por Evaristo, permite que o leitor deduza sua posição de sujeito que luta contra a injustiça. Através de seus trabalhos e das diferentes abordagens feitas por ela, que se reconstrói uma identidade de mulher preta e pobre, representa assim uma declaração de resistência, ela prosseguiu suas críticas apesar da manipulação. A verossimilhança dos personagens é a possibilidade de pensar sobre as motivações de uma nova realidade. Desse modo, a literatura negro-brasileira surge para os leitores como uma singularidade reflexiva relativa as suas convicções e fantasias pessoais.

Quando se pensa em um escritor branco, o discurso sobre o negro acaba muitas vezes por bloquear a humanidade da personagem negra. Segundo Cuti (2010, p. 88): “quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas”.

Isso acontece porque autores acabam muitas vezes criando essas imagens sem se colocar no lugar do outro, sem procurar entender o mundo e o cotidiano do personagem, enraíza-se assim um critério que demarca seus textos, para Dalcastagnè (2008, p.107): “Uma vez instalada a dissonância, que gera o estranhamento do leitor, seria preciso construir, então, outros vínculos, para que a identificação com as personagens não seja completamente rompida”.

O que entendemos por essa colocação é que como a imagem do negro na literatura em grande parte sempre foi trazido com desvalorização, com tratamento de

inferiorização. Uma vez fortalecido esse pensamento, para desvinculá-lo é muito complicado, pois são fatos passados de geração em geração, uma imagem construída desde nossa formação como colônia, por isso, alguns escritores para chamar a atenção do leitor preferiram apresentar personagens sem família, sem história, agredindo mais ainda o cenário, tratando-os como um verdadeiro bicho. Sem cultura, sem herança, e muito menos importância na sociedade. A escritora tratada em nossa pesquisa procurou nos textos feitos, retratar a realidade que ouviu e vivenciou, como uma forma de tornar o poema mais engajado. Conforme Lima, pode ser implicitamente:

O engajamento de um poeta negro (como o de qualquer poesia), contudo, não precisa ser explícito. O poeta consciente da negritude não precisa estar restrito aos temas de denúncia, ou do “lamento da senzala”. Ele é alguém que ama, sofre, reage, como qualquer cidadão de seu tempo. O poeta e o cidadão são entidades diferentes, no plano estético, mas essas duas entidades estão interrelacionadas (LIMA, 2004, p. 4).

Assim, Lima quer nos mostrar que a partir do momento em que se tem consciência de seu papel enquanto escritor, não precisa expor a denúncia tão nitidamente, mas que de alguma forma o leitor compreenda que a essência do poema carrega um conjunto de aspectos reveladores dessa situação, pois embora o objetivo do poeta seja denunciar, mas sabemos que são uma diversidade de leitores que tem acesso aos textos, e cada um com uma realidade diferente.

Muitas vezes, os escritores sabem pouco sobre o sujeito étnico negro, sobretudo sobre seu passado e experiências, o prejuízo com essas abordagens literárias pode ser grande para um leitor que passa por situações raciais e ao ler torna-se mais ofendido. “Vários escritores arrolam em seus textos termos e expressões de origem africana no afã de fazer uma literatura para os negros, ou com eles se identificar” (CUTI, 2010, p.90). Nos textos da escritora que vamos analisar, perceberemos que ela usa bastante termos usados pelos negros antigamente, como um símbolo de sua cultura e ao mesmo tempo, para tornar o texto mais significativo e original.

Ao usarem esses termos que remetem uma população, acreditam que estão produzindo uma literatura para o negro, sendo que não se deve generalizar a uma

única cultura, visando haver uma identificação dos mesmos, mas há contradição, pois nem todos são da mesma origem. Como outros exemplos, podemos citar:

O modernismo que aproveitou termos e noções do folclore para compor obras de arte, tanto na pintura quanto na literatura [...] idealizaram as populações pobres por meio de um processo ideológico de infantilização, caracterizando-as como ingênuas e conformadas. Folclorizaram-se as manifestações de origem africana. O candomblé, sendo uma religião, passou e ainda passa por isso. [...] a ingenuidade acaba sendo produzida para operar o efeito de conformismo antes os desafios da vida (CUTI, 2010, p. 90).

Assim, percebemos que há autores se baseando em vertentes históricas, desde formações folclóricas até a religião para mostrar que escreveu para um povo, sendo assim, isso só mostra que folclorizar é retirar o conteúdo vivencial, no qual carrega conflitos e eliminar a possibilidade transformadora que contribui para a camuflagem da cultura.

Esses traços culturais de origem africana nos textos literários, não são os únicos recursos capazes de caracterizar como negro-brasileiro, uma vez que há uma parcela de negros que não se identificam com essa realidade, cada uma possuiu um cotidiano marcado com uma luta diária, com seus costumes e culturas.

No Brasil, grande parte das representações do negro é mostrado sobre um ângulo da pobreza, de uma condição social inferior aos brancos, aos que moram em uma localidade mais acessível, que possui mais bens materiais, esquecem que existem pessoas negras das mais várias camadas sociais. Mas infelizmente o passado tem sido um motivo para o congelamento desse retrato.

Outra vertente, é trazer a figura do negro relacionada ao erotismo, atribuindo ao corpo uma função de objeto, em inúmeras situações. De acordo com Cuti (2010):

O erotismo surge para libertar do flagelo o corpo aprisionado pela ideologia racista que, por meio da imagem que dele promove [...] negar o prazer é um dos atos de perversão que a escravização e o racismo praticaram e praticam contra a população negro-brasileira, muitas vezes sutilmente, outras de forma grosseira (CUTI, 2010, p. 99).

No contexto dessa afirmação, feita por esse autor, compreendemos que o erotismo dos textos feito com o objetivo de libertar, mas não contribui para isso acontecer, mas mostrar que a negação do prazer que os mesmos tinham obrigação de exercer a quem eram submetido, só comprova a imagem feita por exemplo da

mulher negra desobediente, que negava servir aos seus senhores, mostrando assim um estereótipo de pessoa rebelde.

No trabalho *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*, de Regina Dalcastagnè, nos fala sobre esse processo de animalização do homem negro, fala da necessidade de humanizar e desfazer esse chamado “recurso literário” de representação. Nesse trabalho fala sobre os diversos estereótipos criados ao longo da história da literatura, seja nos romances ou nas poesias.

Uma outra pesquisa publicada que também fala sobre a existência desses estereótipos na literatura está publicado na revista de estudos literários –terra roxa e outras terras, sobre *Literatura negra – uma outra história*, de Carina Bertozzi de Lima². O trabalho mostra como a literatura em vários momentos foi utilizada com forma de diminuição e de que modo essa ascensão dos movimentos negros que surgiram no país é utilizada para uma transformação da imagem do afrodescendente.

Sobre a condição social tida como um ser sem dignidade, merecedor de pena, sendo humilhado havendo assim: “A ridicularização das características físicas, sociais e intelectuais dos escravos negros servia para demonstrar uma suposta inferioridade do negro em relação ao branco, justificando assim a escravidão (LIMA, 2009, p. 68).

Nessa situação, sempre prevalecendo a ideia de inferioridade, a literatura deve estar a serviço da luta contra esse preconceito, mas a sua abrangência tem possibilidades de seguir e passar por inovações que valorizem sob uma nova perspectiva, não esquecendo que o negro brasileiro procurava se libertar dessa situação, dessa violência.

Devemos ter em mente que a produção sobre o negro a partir de afirmações sobre negritude, é mostrada de forma opaca, com poucos personagens, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional mais presente como tema do que uma voz.

Nessas muitas situações em que os textos ilustram, trazem seus posicionamentos com desigualdades, as menções acerca dos negros, são sempre remetidos ao passado, sendo percebido a desvalorização e com esquecimentos. É importante destacar que todas essas colocações impostas aos negros, desde os primórdios de nossa história e tais, desenham uma desigualdade.

²*Literatura negra – uma outra história*, de Carina Bertozzi de Lima. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 17-A (dez. 2009).

Considerando que as ideias abordadas sobre identidade a partir do posicionamento de brancos, não se deve generalizar a um diálogo, mas a um conjunto de acordos sociais, históricos, culturais e políticos. É válido que questionemos sobre essa produção literária para que não se perca no tempo, mas que a cada dia novas pesquisas sejam desenvolvidas. Pois:

Na desconstrução de estereótipos, as dicotomias e suas ilusões constituem a chave a ser girada na fechadura do desvendamento. Os recursos da linguagem literária (rimas, metáforas, assonâncias, ritmo etc.- na poesia, descrições, ponto de vista narrativo de vista narrativo, suspense etc. – na prosa) – são eficazes para desvendar as contradições de um modus operandi do racismo à brasileira (CUTI, 2010, p. 109).

Através dessa produção literária, como por exemplo, a poesia, que muitos autores desfazem as dicotomias, são os inúmeros recursos que vão contribuindo para desconstrução dessa imagem, são as rimas, metáforas. Quando se trata de um romance são os personagens, os pontos de vistas, os suspenses. De todo jeito, fica a critério do autor procurar mecanismos que tragam seja explicitamente ou implicitamente o seu desejo de mudança. E que essa acabe por transformar muitos pensamentos marcados por discriminações.

É nesses elos estabelecidos nos textos, que teremos uma nova literatura, a importância desses autores se dá por terem essa preocupação em diferenciar do tradicional, tornando-se referências e modelos de escrita para muitos outros que virão na literatura ainda. Neste aspecto, esse tipo de pesquisa nos oferece a possibilidade de refletir sobre a crítica abordada nos poemas e considerando que os próprios instrumentos utilizados no percurso metodológico da pesquisa, como a análise de textos poéticos de enunciados traga questionamentos para quem for ler.

Nessa linha de pensamento, Cuti (2010), nos diz que desde as primeiras associações negras, até as atuais, a literatura tem alcançado mudanças que conta com iniciativas de âmbito universitário. Ainda que esse nível de leitura seja precária. “Apesar dos baixos índices de leitura no Brasil, muitas pessoas continuam produzindo literatura negro brasileira. Essa vertente prossegue seu caminho em todas as ramificações, pois a necessidade de expressão literária é vital. (CUTI, 2010, p. 144).

Diante da realidade da representação do negro na literatura e das diversas mudanças que já aconteceram, não podemos nos calar, é preciso que sempre haja

lutas, projetos voltados para esse problema. Devemos buscar mecanismos que sejam executados no sentido de desfazer o preconceito. É com base nessas teorias estudadas que no próximo capítulo faremos nossa análise, que são o recorte de cinco poemas de Conceição Evaristo extraídos que tratam da condição negro-brasileira.

3 – A CONFIGURAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO LUGAR DO NEGRO NA SOCIEDADE NOS POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Nesse capítulo faremos uma análise crítica e descritiva de cinco poemas da escritora Conceição Evaristo, nos quais são: *Vozes mulheres*, *Para a menina*, *Malungo*, *brother*, *irmão*; *Todas as manhãs* e *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, retirados do livro “Poemas da Recordação e outros movimentos” (2008). Foramescolhidos por retratarem sobre perfis negros, mas especificamente sobre as mulheres, pois o nosso objetivo inicial era constatar e compreender como a produção literária dessa autora tem contribuído para a evidenciação e desconstrução das práticas racistas existentes no Brasil, além do mais, o foco também era comprovar a existência das intensas marcas coloniais em pleno século XXI.

3.1 AS VOZES DAS MULHERES NEGRAS

O poema *Vozes mulheres* apresenta uma sequência de vozes que perpassam várias gerações. São descritas memórias desde a bisavó até a filha. A autora ao longo do poema procura expressar seu pensamento diante da condição imposta as mulheres negras, procurando se colocar no lugar do outro, construindo os estereótipos das vítimas que suportavam a opressão. A primeira estrofe, bem como os cinco versos iniciais, reflete a ideia de um passado sofrido, e que não deve ser esquecido. Verifica-se que há uma necessidade de falar em nome de todas, de conclamar seus membros a luta e assim construir uma identidade feminina que aflora o eu-negro comprometido com a resistência.

A voz da minha bisavó
 Ecoou criança
 Nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 De uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 Ecoou obediência
 Aos brancos-donos de tudo.

(EVARISTO, 2008, p. 10)

Percebemos que Conceição Evaristo, externa a desumanização perante a sua bisavó e que esta representa as outras que assim como ela, também tiveram a liberdade roubada. A poeta expressa o sentimento de posse, ao dizer: “Minha”. Ilustra

a crueldade por parte dos patrões, quando se colocava as crianças nos porões do navio, sem nenhuma piedade, já que mesmo ouvindo os “lamentos” que se estendiam, não davam nenhuma importância, deixando assim, se perder a infância de inúmeras outras, dentro daquele navio ao serem levadas para executarem trabalhos para seus “donos”. É um texto tecido pelos rancores deixados, há sempre um enunciador que fala em nome de “nós” dirigindo-se ao leitor para sensibilizar e aderir a essa mudança. Na segunda estrofe, aparece a voz da avó:

A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos-donos de tudo.

(EVARISTO, 2008, p. 10)

Nesses, são sugeridos o olhar para o silêncio que era mantido, por estar submisso e rendido a um regime iniciado pelo processo de colonização e não tinham o direito de fazer escolhas sobre suas vidas. Na terceira estrofe é apresentado a voz da mãe:

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela.

(EVARISTO, 2008, p. 10)

Através desses versos, o eu lírico revela o sentimento de indignação que perpassava a vida de sua mãe, mas que a mesma não podia demonstrar, de todo modo, ecoava a revolta baixinho, sem que ninguém ouvisse, pois sabemos que existia os castigos. Outro fator explícito é a condição de trabalho, em que ela era obrigada a lavar as roupas sujas daqueles que as maltratavam, eram “trouxas de roupas”, ou seja, grande quantidade. Essa mulher tinha consciência de que aquilo não era certo, e nem que fosse por meio de sussurros expressava a angústia que sentia.

Na quarta estrofe surge a intervenção do eu lírico, em que faz questão de descrever sua própria revolta. Como se pode perceber nos versos seguintes, a linguagem poética se transforma em uma simbologia. É muitas vezes nas entrelinhas que se encontra o efeito de reavaliar nossas atitudes. Observemos nos versos a

seguir que pela palavra “ainda” ´comprova que os descasos persistem de geração a geração.

A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue e fome.
(EVARISTO, 2008, p. 10)

Nesse primeiro verso, há predominância do verbo no presente, entendemos isso pelas palavras “ainda ecoa”, ou seja, continua falando do que existe desde a época de sua bisavó. Traz a origem em seu discurso para reforçar seu ponto de vista quanto a aflição, utiliza metáforas para demonstrar o tamanho do sofrimento, isto encontra-se nas palavras “sangue” e “fome”. São destinos marcados por lutas muito difíceis, que perpetuou séculos até se alcançar um pouco de reconhecimento e valorização. Na quinta estrofe, apresenta-se a voz da filha:

A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.
(EVARISTO, 2008, p. 11)

Com essa fala, Conceição Evaristo sintetiza e representa todas as vozes anteriores, aquelas que foram caladas, suportadas e não reveladas. Nessas situações históricas, desenvolve-se também de modo implícito, identidades femininas negras que foram reprimidas pela classe dominante da época. Em geral, temos expressões em que a autora debate-se consigo mesma naquilo que tenta alcançar como liberdade de expressão e ao mesmo tempo para construir uma identidade feminina diferente das mulheres de sua geração que por inúmeros motivos mantiveram-se silenciadas:

A voz de minha filha
Recolhe em si
A fala e o ato
O ontem- o hoje- o agora.
(EVARISTO, 2008, p. 11)

Se até esse momento as vozes eram apenas de lamentos e ocultação, como vimos durante o estudo da trajetória do negro com o autor Cuti (2010) e Moises (2011), agora no presente há o ato da liberdade, momento de falar tudo que foi impedido durante todo o tempo da escravatura. Nos últimos versos, dessa mesma estrofe:

Na voz de minha filha

Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2008, p. 11)

Revela-se um alívio, as vítimas têm seu direito de se defender, de protestar contra tudo que foi escondido, é com base nessas experiências que adquire que deixa transparecer no texto um posicionamento, no interior dessa poesia, portanto, percebe-se que o ponto principal é focar na reivindicação da sua identidade e das mulheres que compõem sua família perante os discursos discriminadores da sociedade. Por saber que mesmo havendo prevalecido tantas situações desumanas, ela encontrou forças para escrever, e ecoar o grito de liberdade negado a sua descendência, refletindo e agregando imagens nesse texto poético.

Já o poema *Para a menina* oferece uma reflexão sobre a relação do eu poético com a menina, ou seja, uma lembrança marcada por fatos históricos. Vejamos a primeira estrofe:

Desmancho as tranças da menina
E os meus dedos tremem
Medos nos caminhos
Repartidos de seus cabelos.
(EVARISTO, 2008, p. 25)

O ato de desmanchar as tranças da menina representa uma forma de recordação do passado, ou seja, Conceição Evaristo revive seu passado ao descrever esse ato de desmanchar as tranças daqueles cabelos presos, traz a memória as más condições oferecidas, e por esse motivo essa ação gera medo, pois foram anos até esse momento chegar. Em que aos poucos se desfaz as leis que impediam liberdade de ser e agir. Na segunda estrofe emerge todas as lembranças, as marcas deixadas pelo confronto:

Lavo o corpo da menina
E as minhas mãos tropeçam
Dores nas marcas-lembranças
De um chicote traiçoeiro.
(EVARISTO, 2008, p. 25)

Entendemos que cada lembrança é como se revivesse o momento novamente. No terceiro e quarto verso fica explícito a dor da escravidão, dos tempos de descaso, pois foram situações fortes, as recordações dos açoites aos escravos com o chicote, sem qualquer piedade por parte dos agressores. Há uma oscilação entre os cuidados com a menina e o passado que surge nos próximos versos:

Visto a menina
 E aos meus olhos
 A cor de sua veste
 Insiste e se confunde
 Com o sangue que escorre
 Do corpo-solo de um povo.

(EVARISTO, 2008, p. 25)

Nesse fragmento, é transcrito a confusão de sentimentos gerados ao vestir a garota, pois a cor de sua roupa mistura-se com a imagem do sangue que escorria do povo que apanhava. Na última estrofe desse poema que diz o seguinte:

Sonho os dias da menina
 E a vida surge grata descruzando as tranças
 E a veste surge farta
 Justa e definida
 E o sangue se estanca
 Passeando tranquilo na veia de novos caminhos,
 Esperança.

(EVARISTO, 2008, p. 25)

Aqui vemos que inicia por uma palavra de esperança “Sonho” e ao descruzar as tranças não está mais tremendo como antes, a roupa é vista agora de um modo mais nítido, o sangue que antes se derramava, está se estancando, assim há mais tranquilidade e novos horizontes veem para vivenciar.

O poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres* visa tratar sobre as inúmeras mulheres que passaram por esse sofrimento, momentos de tristeza, desprezo, desvalorização. O poema apresenta quatro estrofes, variando entre cinco a nove versos cada uma das estrofes. Na primeira, há a metáfora da noite que não adormece:

A noite não adormece
 Nos olhos das mulheres
 A lua fêmea, semelhante nossa,
 Em vigília atenta vigia
 A nossa memória.

(EVARISTO, 2008, p. 21)

Notamos que logo nesses primeiros versos há um desabafo sobre a memória, ou seja, um tempo que não passa, ou até mesmo pode representar o tempo em que

essas mulheres tinham pra descansar e acabavam por ficar acordada relembrando os maus-tratos e o trabalho a ser realizado no dia seguinte.

Dando continuidade, na segunda estrofe aparece esse pensamento com mais ênfase, quando se descreve o sono e as lágrimas.

A noite não adormece
 Nos olhos das mulheres,
 Há mais olhos que sono
 Onde lágrimas suspensas
 Virgulam o lapso
 De nossas molhadas lembranças.
 (EVARISTO, 2008, p. 21)

É nas lembranças que acontecem a falta de esperança, a indignação diante da condição estabelecida. A autora traz para o poema o sentimento de desilusão, com seu modo de expressar, enfatiza o choro, e a vida sem sentido. Isso está explícito no quarto verso: “Onde lágrimas suspensas”. E finaliza a estrofe com a lembrança: “de nossas molhadas lembranças”.

A terceira estrofe, novamente repete os dois primeiros versos, e faz uma reflexão ainda mais profunda. Talvez a autora queira destacar com mais ênfase o fato de persistir o problema, e não ver nada de diferente acontecendo ao longo dos dias, assim estará chamando a atenção do leitor para esse início de verso “a noite não adormece”, ou seja, o passado jamais será esquecido. Temos a seguinte exposição:

A noite não adormece
 Nos olhos das mulheres
 Vaginas abertas
 Retêm e expulsam a vida
 Donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
 E outras meninas luas
 Afastam delas e de nós
 Os nossos cálices de lágrimas.
 (EVARISTO, 2008, p. 21)

Nesses versos, demonstraram claramente a exposição do corpo da mulher, em que não tinha domínio sobre si, não podiam decidir o que queriam fazer ou ser. É uma realidade triste. Citam alguns nomes como “Ainás, Nzingas, Ngambeles”, e atribuem os mesmos as meninas, em que essas são apenas uma representação das outras que não podiam afastar de si esse destino.

Na quarta estrofe, que é a última desse poema, a poeta faz uma comparação entre o sangue da mulher negra com uma “gota que jorra”. Muda também o verbo, em que era no presente e agora está no futuro.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
Pois do nosso sangue-mulher
De nosso liquido lembradiço
Em cada gota que jorra
Um fio invisível e tônico
Pacientemente cose a rede
De nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2008, p. 21)

Essa estrofe retrata uma visão em que tudo isso que foi falado até agora, não será esquecido ou ocultado. A autora se inclui nesse grupo de mulheres, quando diz: “nosso sangue”, “nosso liquido”, “nossa resistência”. Averiguamos que ela sente a dor do outro. E se coloca no lugar delas.

Esse poema tratou da figura do negro de modo geral, não apenas sobre as mulheres, mas possui uma grande representatividade histórica, por tratar de temas como resistência, força, trabalho. As lágrimas derramadas no decorrer de todas as lutas travadas para alcançar as conquistas da atualidade.

3.2 DESUMANIZAÇÃO/ANIMALIZAÇÃO DO NEGRO

Nesse segundo tópico denominado de desumanização/animalização do negro visamos mostrar um perfil de negro a partir de um olhar desumano, em que julgavam os negros comparando-os com os animais, enfatizaremos a imagem sob uma perspectiva negativa.

O poema *Malungo, brother, irmão* enfatiza a imagem de coletividade e união, pelo próprio título já percebemos uma junção de expressões que tem o mesmo significado, mas que são utilizados por grupos sociais diferentes e em variadas situações. É um modo de demonstrar que independentemente da cor, ou condição social, todos merecem serem vistos, e reconhecido seus valores.

Essa reflexão do título do poema é uma forma de compreendermos o próprio conteúdo que será apresentado nos versos, no qual trabalhavam em grupos, e passavam pelo mesmo sofrimento. Isso se confirma na primeira estrofe:

No fundo do calumbé
 Nossas mãos ainda
 Espalmam cascalhos
 Nem ouro nem diamante
 Espalham enfeites
 Em nossos seios e dedos.
 (EVARISTO, 2008, p. 41)

Pela primeira pessoa no plural “nossas” enxergamos essa coletividade, pois o eu lírico está incluso, denota ideia de trabalho coletivo, ou seja, descreve-se uma atividade típica do período escravatório que era a procura pelo ouro, e a lavagem do cascalho com a ajuda da vasilha designada como “calumbé”. Na segunda estrofe demonstra as marcas que são deixadas, que embora já tenha acontecido muitas mudanças, na memória jamais será apagada:

Tudo se foi
 Mas a cobra
 Deixa o seu rastro
 Nos caminhos aonde passa
 E a lesma lenta
 Em seu passo-arrasto
 Larga uma gosma dourada
 Que brilha no sol.
 (EVARISTO, 2008, p. 41).

Assim como a cobra deixa rastros, os maus-tratos também ficam, o tempo passa, mas no caminho permanecerá para sempre a história composta de lutas e desigualdades.

Nos últimos versos dessa estrofe há uma comparação entre a lentidão com que aconteceram as mudanças e a lesma que se arrasta vagorosamente e brilha no sol. Desse mesmo modo, brilhava a pele negra durante os dias de trabalho em meio ao sol, sem nenhum descanso. Na terceira estrofe transmite a ideia de acúmulo de esperança que houve até chegarmos ao presente momento:

Um dia antes
 Um dia avante
 A dívida acumula
 E fere o tempo tenso
 Da paciência gasta
 De quem há muito espera.
 (EVARISTO, 2008, p. 42)

Esses versos expressam os inúmeros anos em que tiveram que esperar para ver o seu povo sendo liberto do domínio, do silenciamento, como diz “a dívida

acumulada”, ou seja, foram longos períodos que não há como pagar, todo sangue derramado jamais voltará. Toda paciência representa a personalidade de um povo guerreiro, que não desistiram nunca, que apesar de tudo acreditava em novos tempos, com perspectivas.

A última estrofe faz uma retomada a união abordada inicialmente, bem como os ideais que são defendidos pelos afrodescendentes. Há no poema expressões que comprovam a intenção de trazer palavras que demarquem a esperança, pois desse modo estaria relacionando a literatura as lutas político-social enfrentadas por sua descendência.

Os homens constroem
No tempo o lastro
Laços de esperança
Que amarram e sustentam
O mastro que passa
Da vida em vida.
(EVARISTO, 2008, p. 42).

Essa construção do lastro que é abordado nos primeiros versos dessa estrofe norteiam a esperança que mantinham de um dia se livrar dessa exploração, embora passassem muitos anos, a cada dia os laços seriam traçados, e a força entre eles estariam sustentadas sob o tempo. O poema *Todas as manhãs* pelo título já sugere uma rotina, ou seja, algo que acontece todos os dias. Observemos a seguir:

Todas as manhãs acoito sonhos
E acalento entre a unha e a carne
Uma agudíssima dor.
(EVARISTO, 2008, p. 13)

Percebemos que em poucas palavras há uma grande expressividade, de sentimento negativo, de vivenciar momentos de dor. Nota-se que apesar desse sofrimento, mantém-se o sonho. Observa-se o desejo de demonstrar através da poética a força no sangue de lutar. É uma lembrança das penas infligidas aos escravos. Desse modo, o ressentimento perpassa esse discurso poético nas próximas estrofes:

Todas as manhãs tenho os punhos
Sangrando e dormentes
Tal é a minha lida cavando, cavando torrões de terra,
Até lá, onde os homens enterram

A esperança roubada de outros homens.
(EVARISTO, 2008, p. 13)

Como se vê nessa segunda estrofe, há a descrição da exaustão causada pelo trabalho, retomando o discurso do negro em que era obrigado a passar horas exercendo uma mesma atividade, em busca de ouro. Enquanto sua saúde acabava no meio daqueles torrões de terra. Encontramos um Tom mais existencial, fala da dor acumulada nas gerações. Dor existencial, além da física. Quando vamos para a terceira estrofe, há uma descrição da recordação do nascer do dia e das longas viagens que eram submetidos. Vejamos abaixo:

Todas as manhãs junto ao nascente dia
Ouço a minha voz-banzo,
Âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
Que os nossos sonhos protegidos
Pelos lençóis da noite
Ao se abrirem um a um
No varam de um novo tempo
Escorrem as nossas lágrimas
Fertilizando toda a terra
Onde negras sementes resistem
Reamanhecendo esperanças em nós.
(EVARISTO, 2008, p. 13)

Nessa última estrofe, encontramos a esperança nascendo, em que sonhavam com um novo dia, em que tudo mudaria, aquela realidade seria transformada e acreditavam serem protegidos pela noite, as palavras “lençóis da noite” representa o tempo, o escurecer da noite e o raiar do dia. Em meio as lágrimas, uma resistência, “sementes resistem”, ou seja, a luta continua.

A análise desse poema nos possibilitou descobrir um novo olhar para literatura, pois a autora usa a poesia como uma forma de mostrar sua rejeição perante as ordens estabelecidas, ela questiona a posição estabelecida a mulher negra e os descasos com a população negra como um todo, estabeleceu-se um diálogo com outras pesquisas já feitas na tentativa de expor os preconceitos existentes e as devidas consequências que isso acarreta.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões realizadas, do percurso histórico sobre o negro na literatura e das análises dos cinco poemas da escritora Conceição Evaristo, constatamos que até chegarmos no século XXI, foram inúmeras lutas, guerras e sangue derramado, tudo em prol do reconhecimento dos direitos que nunca deveriam terem sido negados. Quando pensamos nas personagens femininas, percebemos que as condições colocadas não eram nada favoráveis. Foram vítimas das mais diversificadas situações. No sofrimento do dia a dia encontraram força para lutar, e com as mudanças culturais que houveram puderam mudar o rumo de sua história.

Os poemas analisados abarcam uma representação do negro, um período marcado por tribulações. Percebemos, que em grande parte são tratadas situações vivenciadas pelas mulheres da família da escritora, assim, o leitor acompanha o percurso da autora, e surpreende-se com a atualidade de sua poesia. Ao longo da análise, tivemos a oportunidade de observar a capacidade da autora em transpor para literatura perfis de mulheres diferentes, em uma situação social deteriorada, havendo descrições que causavam espanto. Ela demonstra a importância da mulher negra na sociedade, à medida que sua voz realça as qualidades e as condições contrárias ao que mereciam viver.

Perante essa pesquisa, entendemos o real papel da literatura, que é libertar vidas, ou seja, em permitir tornar-se exposto uma realidade que durante anos permaneceu oculta como no caso, o fato de ser mulher pobre e negra não ter vez na sociedade, ou até mesmo encontrar inúmeros obstáculos para alcançar os objetivos de mudança. E que é no meio acadêmico uma das formas de propagar essa literatura feminina, em especial a que trata da cultura do negro-brasileira. Pois quanto mais se falar, mais teremos a chance de alertar as pessoas para os problemas sociais que nos envolve e sobre que atitudes devemos ter diante disso. Principalmente as mulheres, que assim como essa escritora, teve o desejo e a iniciativa de fazer parte de um mundo contemporâneo literário, que durante muito tempo foi palco da presença masculina, eram os homens que produziam a literatura e em grande parte deram ênfase a seus interesses, deixando a figura feminina esquecida.

Esse estudo bibliográfico não termina aqui, pois sabemos a necessidade que permanece de falar sobre inúmeros fatores que tem atingido as mulheres, o preconceito está impregnado em diversas situações sociais, e a inferiorização não se

evadiu de nossa sociedade, apesar do grande avanço tecnológico da atualidade, muitos fatores a serem discutidos nessa área, mas que esse trabalho seja apenas uma forma de despertar novos olhares e conhecer novos horizontes.

5- REFERÊNCIAS

ANDRADE, Gentil de. **Pensamentos e reflexões de Machado de Assis**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990.

BARRETO, A. H. de Lima. **Clara dos Anjos**. 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1978.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**". Estudos de literatura brasileira contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. "Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face". **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. (ed.) Nadilza Martins de Barros Moreira and Diane Schneider. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

LIMA, Carina Bertozzi de. **Literatura negra-uma outra história**. Terra roxa e outras terras-Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez). 2009.

MOISÉS. Massaud. **História da literatura brasileira: realismo e simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. **Dionísio esfacelado**:Quilombo dos Palmares.Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.